

Américo Junior Nunes da Silva  
André Ricardo Lucas Vieira  
(Organizadores)

Atuação do estado e da sociedade civil na

# EDUCAÇÃO II



Américo Junior Nunes da Silva  
André Ricardo Lucas Vieira  
(Organizadores)

Atuação do estado e da sociedade civil na

# EDUCAÇÃO II



Atena  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Atuação do estado e da sociedade civil na educação 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Américo Junior Nunes da Silva  
André Ricardo Lucas Vieira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A886 Atuação do estado e da sociedade civil na educação 2 /  
Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André  
Ricardo Lucas Vieira. – Ponta Grossa - PR: Atena,  
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0201-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.015220906>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da  
(Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador).  
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência e buscando superar problemas estruturais, como a desigualdade social por exemplo. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores/as pesquisadores/as.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e ataque as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado “**Atuação do estado e da sociedade civil na educação**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os diferentes sujeitos que fazem parte dos movimentos educacionais.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto importante para o fortalecimento da democracia e superação das desigualdades sociais.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

André Ricardo Lucas Vieira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

SOCIEDADE, VIOLÊNCIAS E EDUCAÇÃO POLICIAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Eduardo Nunes Jacondino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209061>

### **CAPÍTULO 2..... 12**

REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: TEORIA E PRÁTICA

Maria da Conceição Dal Bó Vieira

Sandra Cristine Arca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209062>

### **CAPÍTULO 3..... 21**

DESAFIOS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19

Roberta Souza da Silva Ferreira

Larissa Oliveira Guimarães

Maria Andresiele Andrade Carvalho

Claudiana Ribeiro dos Santos Andrade

Crismilla dos Santos Silva

Maria Rita Ribeiro dos Santos

Tamires Souto Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209063>

### **CAPÍTULO 4..... 30**

PROJETO #SEXTOUPEDAGÓGICO PARA PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE BENEVIDES, PARÁ, BRASIL

Kelly Lene Lopes Calderaro Euclides

Francilene Sodrê da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209064>

### **CAPÍTULO 5..... 36**

FORMAÇÃO EM SERVIÇO PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: INCLUSÃO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Rosivane Sousa Pereira

Rosiane Sousa Pereira

Cleonice Pedreiro Mesquita

Roseane Silva de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209065>

### **CAPÍTULO 6..... 43**

PROPOSTAS PARA MELHORIA DE PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) POR MEIO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA: UM ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE

SÃO LUÍS – MA

Rosa Coelho Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209066>

**CAPÍTULO 7..... 58**

MINHA AULA MIGROU PARA O WHATSAPP, E AGORA? O USO DE APLICATIVOS MULTITAREFAS COMO RECURSOS EDUCACIONAIS

Jeanne de Jesus Rodrigues

Viviane Aparecida Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209067>

**CAPÍTULO 8..... 68**

O QUE TEM NA FRONTEIRA INTERNACIONAL DE PONTA PORÃ/MS? DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA AS ESCOLAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Silvano Artur Busch Vergutz

Marsiel Pacífico

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209068>

**CAPÍTULO 9..... 87**

A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DOS APENADOS DO SÍLVIO PORTO

Maria Bernadete Rodrigues do Nascimento

Maria de Fátima Leite Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0152209069>

**CAPÍTULO 10..... 110**

AVALIAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL: BUSCAR OUTROS CAMINHOS, OUTRAS PERSPECTIVAS

Daiana Camargo

Sirlene Delgado

Andreliza Cristina de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090610>

**CAPÍTULO 11..... 123**

O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL (ERE) E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA SURDOS: DESAFIOS DURANTE O CONTEXTO PANDÊMICO

Disraely da Silva Machado Fernandes

Louriane Lindoso Moraes

Natalia Moreira de Carvalho Campos

Kaciana Nascimento da Silveira Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090611>

**CAPÍTULO 12..... 135**

METODOLOGÍAS ACTIVAS EN EL MODELO COMPRENSIVO RESTAURADOR

Normiña Murillo Murillo

Yulieth Paola Narváez Buelvas

Jeniffer Ximena Vega Fajardo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090612>

**CAPÍTULO 13..... 148**

O CONTEXTO EDUCACIONAL DE SALINAS-MG NA DÉCADA DE 1950: “MEU PAI CHEGOU A COMBINAR TUDO PARA ME MANDAR ESTUDAR FORA[...]”

Lilian Gleisia Alves dos Santos

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090613>

**CAPÍTULO 14..... 165**

TODA FAMÍLIA É IGUAL? REPRESENTAÇÕES FAMILIARES NA LITERATURA INFANTIL HÍBRIDA

Berenice Rocha Zabbot Garcia

Nicole de Medeiros Barcelos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090614>

**CAPÍTULO 15..... 181**

PROTAGONIZANDO E SUBMERGINDO NO ODS 6: UMA PROPOSTA DE AULA PARA O ENSINO DE QUÍMICA

Andreia Oliveira Barreiros

Rachel Helena Gachet Silva

Suellen Gueiros Ruiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090615>

**CAPÍTULO 16..... 190**

AÇÕES AFIRMATIVAS NO IFES CAMPUS IBATIBA: A POLÍTICA DE COTAS E OS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA E ÊXITO NOS CURSOS TÉCNICOS

Gilberto Mazoco Jubini

Charlles Monteiro

Shayane Ferreira dos Santos

Veruschka Rocha Medeiros Andreolla

Carlos Henrique Medeiros de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01522090616>

**SOBRE OS ORGANIZADORES ..... 205**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 206**

## TODA FAMÍLIA É IGUAL? REPRESENTAÇÕES FAMILIARES NA LITERATURA INFANTIL HÍBRIDA

*Data de aceite: 01/06/2022*

### **Berenice Rocha Zabbot Garcia**

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordenadora do Programa Institucional de Literatura Infantil Juvenil da Univille (PROLIJ) <https://orcid.org/0000-0002-0353-4310>

### **Nicole de Medeiros Barcelos**

Especialista em Alfabetização e Letramento e licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, ambas pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Pesquisadora voluntária do Programa Institucional de Literatura Infantil Juvenil da Univille (PROLIJ) <https://orcid.org/0000-0003-0376-5167>

**RESUMO:** Este artigo explora a maneira com que livros ilustrados se utilizam de diferentes linguagens para criar sentidos ao representar relações familiares. Analisando quatro obras publicadas no Brasil nos últimos cinco anos, o presente estudo busca entender de que forma se engendram e imbricam texto verbal, visual, e elementos paratextuais, como o formato do objeto livro e a sua capa. A análise se dá à luz do conceito de hibridismo definido por Canclini (2008), e das reflexões sobre livros ilustrados de Nikolajeva e Scott (2011) e Van der Linden (2011).

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro ilustrado; Literatura infantil; Hibridismo; Família; Representações.

### IS EVERY FAMILY THE SAME? FAMILY REPRESENTATIONS IN HYBRID CHILDREN'S LITERATURE

**ABSTRACT:** This paper explores how picture books leverage different languages to create meaning when representing family relationships. By analyzing four works published in Brazil on the last five years, the study tries to understand how verbal and visual text, as well as paratextual devices such as the book format and its cover, come together. The analysis is based on the concept of hybridism by Canclini (2008), and the works about picture books by Nikolajeva and Scott (2011) and Van der Linden (2011).

**KEYWORDS:** Picture book; Children's literatura; Hybridism; Family; Representations.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta um recorte de pesquisa trazendo a análise de quatro obras selecionadas com o objetivo de investigar como se dá o processo de hibridação em obras de literatura infantil e juvenil em circulação na última década. A pesquisa configura-se como bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao

pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Em relação a metodologia escolhida para a pesquisa, o conceito proposto por Garcia (2015), aproxima-se de forma mais específica, das atividades que foram desenvolvidas pelo grupo de pesquisadores: “As pesquisas que podem ser classificadas como bibliográficas são, na sua maioria, aquelas que buscam discutir sobre ideologias ou ainda as que buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre um determinado assunto, tema ou problema. ”

Importante, ainda, diferenciar pesquisa bibliográfica de pesquisa científica baseada em pesquisa bibliográfica, esta última a que se refere a pesquisa pretendida pelos pesquisadores na presente proposta. Segue:

A revisão bibliográfica, confundida muitas vezes com a pesquisa bibliográfica, é uma parte muito importante de toda e qualquer pesquisa, pois é a fundamentação teórica, o estado da arte do assunto que está sendo pesquisado. Toda pesquisa, qualquer que seja seu delineamento ou classificação em termos metodológicos, deverá ter a revisão bibliográfica. O que observamos hoje é que todas as publicações sobre metodologia da pesquisa fazem uma pequena confusão entre os dois termos. (GARCIA, 2015, p. 293)

A metodologia escolhida, além da busca de referenciais teóricos sobre o objeto da investigação (o processo de hibridismo na literatura para crianças e jovens) oportunizará o encontro com produções literárias contemporâneas e suas manifestações estéticas e que vem se configurando como um novo “boom” no mercado editorial nacional e estrangeiro, a exemplo dos anos de 1970.

Considerando a seleção de obras feita pelos pesquisadores, apresentar-se-á nesse artigo a análise de quatro delas que se aproximam pela temática, todavia, o estudo, busca entender de que forma se engendram e imbricam texto verbal e visual.

## **SOBRE FAMÍLIA, LITERATURA, E LIVROS ILUSTRADOS**

A família é um tema que atravessa toda a literatura infantil. Seja nos primeiros registros de textos endereçados a crianças e jovens, como em fábulas e contos de fadas, ou nas manifestações literárias modernas e pós-modernas, a família, ou o seu ideal, sempre está presente no texto literário infantil.

Mesmo quando não é a matéria principal do texto, é possível perceber a influência da estrutura familiar nas ações dos personagens, na maneira com que se organizam e como interagem entre si. A célula familiar, afinal, é uma das estruturas básicas da cultura humana.

Há como conceber *Chapeuzinho Vermelho* sem sua mãe, sua avó, ou sem a moral familiar sobre suas aventuras com o lobo? O que dizer sobre *Peter Pan* e seus garotos perdidos, órfãos e desesperados por uma mãe? Já as *Mulherzinhas* de Louisa May Alcott ao mesmo tempo se conformam e enfrentam os papéis de gênero e a ideia de família. A brasileira turma do Sítio do Picapau Amarelo, por sua vez, desafia a constituição familiar, em que pais são ausentes e uma avó, sua empregada e os animais do sítio fazem as vezes de uma família.

Não ao acaso Ann Alston (2008, p. 1) afirma que “a família é o ideal, o ponto de chegada épico da jornada Odisséica da ficção, em que o lar e a família são recuperados”<sup>1</sup>. Como Ulisses, os personagens (e leitores) de ficção estão em uma eterna busca pela reparação do ideal familiar, pela redenção e pelo acolhimento de seus (idealizados) familiares. A organização familiar, assim, faz parte do mito do herói, é a última instância de sua história, em que tudo encontra o seu devido lugar, a ordem é finalmente restaurada e todos estão à salvo. A família faz parte da nossa maneira de contar histórias.

Lembremos, porém, que o que entendemos por família (hoje ou há um, cinco ou dez séculos) são ideais, convenções consolidadas por fatores sociais, econômicos e culturais. É bem verdade que, antes de uma herança cultural, a família é uma herança biológica. Nós somos geneticamente programados a nos reproduzirmos para garantirmos a sobrevivência da espécie. Vivemos em sociedade porque é mais fácil garantir nossa sobrevivência em grupo, nos protegendo mutuamente. Mas como damos significado a isso, como interpretamos a realidade de nos organizarmos dessa maneira são construções marcadas pelo tempo e pelas circunstâncias em que as pessoas vivem neste tempo e espaço.

A maneira com que a família é entendida e representada, portanto, também não pode ser ignorada. Como coloca Alston (2008), a representação de família na literatura infantil não pode ser dissociada do cunho ideológico a que se associa um determinado modelo de família, já que muitas vezes acaba dizendo aos leitores como uma família deve ser.

A ficção, e principalmente a ficção voltada para crianças, ecoa não só uma necessidade de encontrar essa sensação de pertencimento e proteção que a família representa, mas também a de atingir esse ideal que se cunhou há muitos séculos e do qual ainda não nos desprendemos completamente. A discussão sobre a constituição familiar, afinal, não é um tópico tão pacífico em determinadas comunidades – e definitivamente não o é em um país como o Brasil. Talvez isso diga mais a respeito de nós mesmos do que dos próprios livros.

Haja vista a prolífica produção com a família como tema, nos propomos a analisar, neste recorte de um estudo sobre o hibridismo desenvolvido em um programa de literatura

---

1 No original: “Family is the ideal, the epic end-point of the Odyssean journey of the fiction, at which home and family are recovered”.

infantil, de que maneira se manifestam as relações familiares em livros de literatura infantil que consideramos híbridos.

Há de se reforçar que entendemos por obra híbrida aquela que se vale de linguagens que existiam de maneira separada para, ao uni-las, criar diferentes sentidos. Pois, Canclini (2008, p. XIX), entende “[...] por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Na literatura infantil, isso se consolida principalmente no objeto do livro ilustrado, que reúne o signo verbal, o signo visual, a materialidade do livro e a própria narrativa para construir a estética da obra.

O livro ilustrado é diferente do livro com ilustrações. No livro ilustrado, todos os referidos elementos (palavra, imagem, o objeto livro e o conteúdo narrativo) caminham juntos para produzir sentidos. O livro com ilustrações, por outro lado, não contém esse imbricamento de linguagens.

Vale ainda frisar que, como em Nikolajeva e Scott (2014, p. 14), aqui se entende que a leitura de um livro ilustrado pode ser representada por um círculo hermenêutico:

[...] Começamos pelo signo ou verbal ou visual, um gera expectativas sobre o outro, o que, por sua vez, propicia novas experiências e novas expectativas. O leitor se volta do verbal para o visual e vice-versa, em uma concatenação sempre expansiva do entendimento. Cada nova releitura, tanto de palavras quanto de imagens, cria pré-requisitos melhores para uma interpretação adequada do todo. Presume-se que as crianças sabem disso por intuição quando pedem que o mesmo livro seja lido para elas em voz alta repetidas vezes. Na verdade, elas não leem o mesmo livro; elas penetram cada vez mais fundo em seu significado.

Neste texto, exploramos as leituras possíveis das obras selecionadas. Tais livros foram escolhidos após a leitura e discussão de uma série de obras literárias por um grupo de pesquisa sobre o hibridismo na literatura infantil contemporânea. Pautada na metodologia bibliográfica, a análise busca entender como as várias linguagens utilizadas constroem sentidos.

Pela necessidade de se fazer um recorte da infinita produção que aborda, de alguma forma, o tema familiar, optamos por colocar no escopo quatro obras, cada qual um expoente significativo de uma relação familiar. Portanto, analisamos um livro que trata da relação entre mãe e filho, outro sobre a relação entre pai e filha, e um terceiro e um quarto sobre as relações entre avós e seus netos.

A análise, por sua vez, se divide entre dois escopos: pais e filhos, e avós e netos. Por fim, à guisa de conclusão, apresentamos algumas considerações que, longe de encerrar esta discussão, servem como o começo do que esperamos ser uma importante conversa sobre o hibridismo na literatura infantil e as representações de família nele encontradas.

## COMO NOSSOS PAIS: RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS EM LIVROS HÍBRIDOS PARA CRIANÇAS E JOVENS

O que entendemos hoje por família não é o mesmo que entendiam nossos antepassados, ou aqueles que vieram antes deles. O conceito do que constitui uma família não é estanque, e tem se metamorfoseado no curso da história para acompanhar a maneira com que damos significado à realidade. Influenciados pelo nosso tempo, cultura e sociedade, temos desenhado novos contornos para o que compreendemos como um núcleo familiar. E à medida que o fazemos, damos significado também aos papéis daqueles que constituem esses núcleos.

Pais e mães ocupam um espaço importante em meio à essa compreensão do que constitui uma família. Em uma visão conservadora e biológica, a família começa a partir de um par deles: um pai e uma mãe. Eles são os progenitores, aqueles que dão a vida à sua prole. São também aqueles que cuidam desses filhos, que garantem a sua segurança e que os educam nas tradições da sua cultura. Em uma visão menos conservadora e mais contemporânea, passamos a entender que nem sempre famílias são compostas por um pai e uma mãe. Às vezes elas são compostas apenas por um deles, ou por dois pais ou duas mães, ou quem sabe nenhum: avós, tios, irmãos ou outros familiares fazem as vezes de pais ou mães. Parece que o entendimento a que se tem chegado é de que pais não são necessariamente aqueles determinados pelo fator genético, ou seja, aqueles que geram a vida, mas sim aqueles que nutrem a vida, aqueles que a cuidam.

As atribuições à cada figura (pai ou mãe) também tem se modificado conforme nossa percepção sobre gênero e sexualidade mudam, desenraizando aos poucos concepções como, por exemplo, a ideia de que o cuidado das crianças seria de responsabilidade da mulher, enquanto o papel do homem seria o de trabalhar para prover para sua família.

Se a maneira com que entendemos a ideia de família e o papel dos pais tem mudado, também muda a maneira com que vemos representados esses ideais na literatura infantil. Como destaca Mallan ao analisar a representação de gênero na literatura infantil (2012, p. 12), “apesar da predominância dos textos para crianças que continuam a oferecer maneiras normativas de ser, em particular, formas normativas de comportamento de gênero, existem textos que resistem ao impulso de ser ‘como os outros’ ao explorar subjetividades alternativas”<sup>2</sup>.

Com isso em mente, analisemos os dois livros contemporâneos que retratam famílias, pais e filhos, à luz dos já mencionados conceitos de hibridismo e de livro ilustrado.

Começemos pela obra que retrata uma relação entre mãe e filho: **Meu Pequenino**, livro de 2016 publicado em 2019 no Brasil pela editora Ameli. A obra é assinada por Germano Zullo, o escritor, e Albertine, a ilustradora.

---

2 No original: Despite the prevalence of children’s texts which continue to offer normative ways of being, in particular, normative forms of gender behaviour, there are texts which resist the pull for characters to be “like everyone else” by exploring alternative subjectivities.

*Meu pequenino* combina elementos simples para criar uma narrativa profunda sobre o amor, o tempo e o ciclo da vida. Com uma prosa delicada, ilustrações à lápis e um projeto gráfico que beira ao minimalismo, o livro tem como protagonistas uma mãe e um filho. A poética tecida por Germano Zullo e Albertine é a de uma dança perfeita entre esses personagens, mas também entre palavra e imagem. A aparente simplicidade do formato, dos textos visual e verbal, é apenas isso: aparente. Combinados, esses recursos são um convite à produção de múltiplos sentidos e leituras.

Observemos primeiramente o formato da obra. A capa, da mesma cor das páginas internas, traz uma mulher, os braços dobrados, os olhos fitos em algo tão pequeno que cabe em suas mãos quase fechadas. É como que o começo da história que iremos encontrar no seu interior. As guardas internas são a única cor que temos no livro: são de um azul turquesa delicado e sutil, mas não trazem ilustrações ou adornos. Há um foco claro: o desenho e palavra.

Ao abrir a capa, vemos que palavra e imagem dividem espaço na página direita do livro, a “página nobre”, “[...] aquela em que o olhar se detém na abertura do livro” (VAN DER LINDER, p. 68). Não há palavras ou imagens nas páginas da esquerda. Essa estratégia de diagramação circunscreve o espaço em que o texto será lido. Ela também faz com que o movimento da narrativa seja ritmado pelo passar das páginas: a história progride conforme um quadro se justapõe ao anterior.

Não ao acaso, a casa editorial brasileira que publicou a obra afirma que *Meu pequenino* também pode ser apreciado como um *flipbook*. Se, à guisa desse formato, passarmos rapidamente as páginas da obra sequencialmente, perceberemos que efetivamente essa é uma maneira de lê-la: não apenas nas imagens, mas no movimento das imagens. Na relação que, entre si, as páginas criam. Pois, quando combinadas, temos uma dança – considerando o teor da narrativa, poderia se dizer temos um ciclo. Embora diferente da leitura do texto visual e verbal combinados, essa também é uma leitura possível.

A forma com que essa narrativa se apresenta, assim, é fundamental para a sua leitura, nos lembrando que, como coloca Isabelle Nières-Chevrel, “o livro ilustrado não é apenas texto e imagem, é texto e imagem no espaço desse estranho objeto que é o livro” (NIÈRES-CHEVREL, Isabelle, 2000, apud VAN DER LINDEN, Sophie, 2014, p. 86).

Nos detenhemos, então, à relação entre as palavras e as ilustrações de *Meu pequenino*. Como dito, a capa anuncia o que iremos encontrar no interior do livro, começando, de certa forma, a história. Na primeira página, nos deparamos com a mulher, alta, sozinha, nos fitando silenciosa. Logo surge o pequenino em suas mãos, e sua atenção se volta para ele. Tanto texto visual quanto verbal o endereçam: os olhos da mãe se voltam ao filho, e as palavras o interpelam: “Aqui está você...”, ela começa.

Enquanto o texto verbal tece um monólogo da mãe para o filho, declarando-lhe seu amor, manifestando o seu desejo de contar-lhe tudo, de ensinar-lhe sobre tudo; o texto visual mostra a dança da vida entre eles. No começo, é ela quem o embala nas mãos, nos

braços, até que não pode mais suportá-lo. Depois, é ele quem segura a mãe, nos braços, nas mãos, conforme ela vai ficando cada vez mais pequenina, como ele havia sido.

No texto verbal, embora a mãe diga o quão importante são as coisas que tem a dizer, ela nunca chega a efetivamente verbalizá-las. É como se não houvesse tempo o suficiente para fazê-lo antes do fim. A mãe tem tanto a contar ao filho e parece que acaba por dizer tão pouco.

Mas o que vemos nas ilustrações é como seu filho vai se tornando maior, o quanto dela ele acaba por incorporar em si mesmo, nos gestos, imitando os seus movimentos, na forma como se comporta, e até em como se assemelha a ela fisicamente. Embora não transmita verbalmente o conhecimento que parece querer compartilhar, a mãe, pelas suas ações (que só vemos no texto visual), diz ao filho tudo que precisa ser dito.

A mudança de tamanho das personagens é um recurso simbólico poderoso. As ilustrações mostram o movimento de aumento e diminuição proporcional entre as personagens, página a página. Essa mudança mimetiza uma inversão que por vezes acontece literalmente na vida, quando os filhos ficam maiores que os pais. Mas é sobretudo a mimese de uma mudança metafórica, de como aquilo que é dos pais passa a seus filhos, e de como os papéis se transformam com o passar do tempo.

O texto verbal também sugere isso, na sequência de páginas acompanhadas dos versos: “É a nossa história. E quando eu a tiver contado. Ela te pertencerá. Para sempre”. Ao vermos as imagens, sabemos que a história deles está dentro de cada um.

Embora sejamos capazes de separar os textos que compõem essa obra, o resultado da leitura individual das esferas verbal e visual é muito diferente da força poética que encontramos na combinação das linguagens. Isso porque esses textos estabelecem entre si a já mencionada relação de interdependência, e também porque fazem contraponto um ao outro. Não se repetem, não se ecoam, mas se complementam.

Em *Meu pequenino* vemos o poder do elo entre mãe e filho se materializar e crescer. O retrato pintado pela obra é o da família como uma forma de espaço de acolhimento e segurança, mas, nesse aspecto, é curioso perceber como os papéis de mãe e filho mudam e até são trocados (em um momento, ela o tem no colo e, no fim, é ele quem a segura em seus braços).

Além disso, o retrato de uma mãe que se percebe sem tempo de ensinar tudo a seu filho afasta a imagem de uma matriarca de certa forma “perfeita” em todos os aspectos. A própria ausência de um outro progenitor também é desafiadora ao modelo mais conservador de família. À história não importa se há outra mãe, outro pai, se o elo é biológico ou apenas afetivo, mas que há mãe e filho, e a relação entre eles. Todavia, a narrativa da mãe solteira, da mulher que cria seus filhos com base em suas próprias forças, é uma velha conhecida da nossa realidade, em que milhares de famílias brasileiras são compostos por uma mãe e seus filhos.

Ao fim do livro, estamos de volta ao começo, mas com outro personagem. O silêncio

do texto verbal nos deixa na expectativa, na esperança de que talvez a dança se repita, ou se altere, ou se reescreva. Mas não temos como saber e, com isso, somos convidados a imaginar.

De maneira muito similar a *Meu Pequenino*, a obra **O passeio** retrata a relação entre pais e filhos, mas, nesse caso, entre pai e filha. Com texto verbal de Pablo Lugones e texto visual de Alexandre Rampazo, a obra publicada em 2017 pela editora Gato Leitor também combina elementos simples para contar uma história poderosa sobre o amor, o tempo e o ciclo da vida.

Como o título indica, o livro leva o leitor em um passeio de um pai e sua filha. Com traços simples, combinações de cores sugestivas e palavras bem colocadas, essa obra é imbricada em sentidos diversos. Com singeleza, a narrativa de Lugones e Rampazo é um convite ao embarque nessa pequena jornada.

O objeto livro em si se apropria da forma horizontal para contar a história, a ilustração se estendendo pela página dupla, criando assim um fluxo no passar de páginas. A técnica usada parece ser a de “montagem”, conforme definida por Sophie Van der Linden (2011, p. 78):

A montagem é apreciada num primeiro momento em função do folhear do livro, do encadeamento das páginas duplas da primeira em direção à última. [...] A leitura desencadeia literalmente um processo que se assemelha a uma câmera realizando um *travelling*. [...] A repetição de um motivo, a ligação plástica entre as imagens, o deslocamento de uma personagem são suficientes para inserir cada dupla dentro de uma sequência.

Tudo começa com o pai ajudando a filha a se equilibrar sobre uma bicicleta (sem rodinhas). Por alguns quadros, a menina segue sozinha, mas pouco depois do primeiro impulso, o próprio pai aparece sobre outra bicicleta, e a acompanha no caminho.

Eles seguem assim o passeio. Por vezes, um segue na frente do outro, em outras, andam lado a lado. Conforme as páginas passam, o tempo também o faz: vemos os personagens crescerem e envelhecerem, suas aparências comunicando a sua transformação. Também vemos o dia passar: a narrativa começa quando está claro, e o céu vai aos poucos mudando de cor: dos tons acinzentados, passando por azuis brilhantes ao lusco-fusco, até o efetivo anoitecer.

Enquanto isso, o texto verbal vai enredando a trama de maneira poética e metafórica, estabelecendo relações entre o passeio e o próprio seguir da vida. A voz da narrativa é da filha, que parece refletir em retrospecto sobre o que está narrando. Em alguns momentos, ela pondera sobre as escolhas que fazem, se seguem juntos ou separados, notando que, por vezes, o afastamento é natural. Em um momento, a narradora diz: “Eu não quis ficar para trás e abri caminho para novas descobertas, sem medo de cair”, explicitando as aventuras da juventude em que engaja, deixando o seio familiar temporariamente distante.

O fato da bicicleta da personagem feminina estar sem rodinhas auxiliares também

é um recurso metafórico importante. A retirada das rodas de apoio de uma bicicleta geralmente é um rito de passagem. Como um ritual, esse gesto simbólico aponta para um ganho de independência da personagem, que já sabe se equilibrar sozinha, e que vai aprendendo a trilhar o seu caminho.

Durante todo o percurso, os personagens também são acompanhados por uma borboleta azul. A presença desse inseto há de ser notada com atenção, já que ele é carregado de um simbolismo emblemático. A figura da borboleta está associada à metamorfose. Sua presença no texto visual prenuncia as transformações que estão para ocorrer ao longo da narrativa.

Também é importante notar que a borboleta, por boa parte do texto, está mais próxima à figura do pai do que à da filha. Mesmo que as mudanças nele talvez não sejam tão aparentes para além da idade, isso parece indicar que a figura paterna também está em constante transformação, à guisa da menina.

Anoite chega à narrativa no mesmo momento em que o pai sai de cena. A sua ausência é percebida pela filha, que lamenta a perda da figura paterna. Também desaparece, por um átimo, a borboleta. Mas então esse momento passa, a borboleta aparece novamente, e a protagonista volta a subir na bicicleta, dessa vez com uma luz acesa para lhe guiar o caminho.

A transformação ocorre mais uma vez, e assim parece que voltamos ao começo do ciclo. O dia torna a estar claro, e na ponta da página direita se vê a roda de uma bicicleta pequena. É a sugestão necessária para entendermos que os papéis foram passados adiante, que agora a filha também é mãe, que esse marco também faz parte do seu passeio.

O texto vai além, porém, e explicita isso. Tanto o texto verbal quando visual explicam o que poderia facilmente ter ficado apenas sugerido: eles dizem com todas as letras e linhas que há um filho, que o passeio continua. É desnecessário, especialmente em uma obra com tamanha sensibilidade poética. Um leitor atento, seja criança ou adulto, conseguiria depreender a mesma mensagem sem que ela fosse dita explicitamente. O silêncio, afinal, também é capaz de dizer muito.

*O passeio*, porém, não perde seu valor em razão desse excesso de zelo. O livro traz uma narrativa bem construída e profundamente poética sobre a relação entre pai e filha, e a incrível jornada que é a vida.

Além disso, o livro retrata a figura paterna de maneira contemporânea. Como em *Meu pequenino*, aqui não há outro pai, uma mãe, outros membros da família: apenas pai e filha. E eles são uma família. O pai é uma figura presente e importante no caminhar da vida de sua filha, acompanhando-a em todos os momentos, mesmo que por vezes à distância. Ao final, temos uma mãe e um filho, também sem a figura de um outro pai ou uma outra mãe. A presença constante de um pai que não só observa a criação de sua filha, mas participa e acompanha sua evolução, afasta-se da imagem conservadora do pai como provedor da casa, como figura distante e geralmente ausente na efetiva criação dos filhos.

Tanto *Meu pequenino* como *O passeio* sugerem a ideia da vida como um ciclo. Começamos com pais e filhos, e por fim há a ideia de que talvez os filhos venham a se tornar pais. Nos momentos finais das narrativas, os pais, figuras tão importantes nas vidas de suas crianças, saem de cena. Os filhos são deixados com as responsabilidades do mundo, na solidão, possivelmente para eles mesmos darem um rumo para a sua caminhada – ou a sua dança ou seu passeio de bicicleta.

É verdade que estamos diante de um retrato que traz a família como espaço acolhedor e de refúgio, quase romantizado. Fernando Azevedo (2015, p. 14 - 15), em análise da construção cultural das representações de família na literatura infantil portuguesa, coloca que “a família é, no fundo, apresentada como o reduto da proteção e do cuidado, o calor que garante a continuidade e a segurança, em oposição aos lugares inóspitos do mundo onde reina a insegurança e o sofrimento”. Relembrando a afirmação de Alston (2008), a família é o ponto final da jornada do herói, o momento em que a paz é restaurada, e é o objetivo de muitos personagens para além de Ulisses em sua Odisséia.

As famílias de *Meu Pequenino* e *O passeio* são felizes. São espaço de acolhimento e proteção. Existe uma relação claramente saudável entre os pares mãe/filho e pai/filha retratados nessas obras. Longe de uma crítica, esse é um ponto importante ao se pensar a recepção desses textos e a importância dessa forma de retrato. Afinal, famílias infelizes também existem, como celebrenemente nos lembrou Liev Tolstói (2017, p. 3) na primeira frase de seu *Anna Kariênina*: “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”.

Aos poucos, a literatura infantil pode (e deve) se tornar um espaço também de crítica ao ideal, um espaço onde uma outra utopia possa se estabelecer. Por ora, talvez seja um pouco inevitável vivermos, de alguma forma, como nossos pais. Mas, nas sábias palavras de Belchior, *o novo sempre vem*.

## **AVÓS: UM PROTAGONISMO ANUNCIADO**

Como já dito, as referências que se tem de família mudaram, sobremaneira, nos tempos atuais. Se, antes, os avós eram pessoas que dependiam ou “necessitavam” de seus filhos e netos, hoje, esses avós participam muito mais dos núcleos familiares e, inclusive, da educação não formal das diferentes gerações que os sucedem, como os meninos e meninas que convivem muito mais próximos dos pais de seus pais. Ramos (2015, p. 192) nos alerta dessa tendência ao destacar que:

A maior longevidade tem modificado de forma importante as configurações familiares e os laços entre as gerações. Hoje, os avós não apenas têm a possibilidade de ver seus netos nascerem e crescerem, mas também tornarem-se adultos e, muitas vezes, pais. Ao longo desse período estendido de coexistência, os avós podem assumir diferentes significados na vida dos netos, mudando o tipo de interação estabelecida, assim como a própria

intensidade do contato, quando estes são crianças, adolescentes ou adultos.

Essa percepção trazida por Ramos permite um contraponto entre textos escritos em momentos afastados temporalmente, mas que ajudam a compreender do que se pretende tratar quando se lança mão de obras, historicamente, marcadas e de outras de publicações recentes.

O papel dos avós também tem representações diversas na literatura infantil no decorrer dos tempos. Tome-se, por exemplo, uma avó que é a mais famosa de todas: a de *Chapeuzinho Vermelho*, principalmente na versão de Charles Perrault. Aquela avó, que precisava de apoio da neta, surgia em uma relação passiva diante da proposta da própria história, pois ela estava à mercê do apoio da família naquele momento.

Não se pode esquecer, todavia, de que foi aquela avó que endereçou a protagonista do conto um capuz ou chapeuzinho vermelho, como que sendo ela a anunciante da fase de transição a que sua neta – e outras tantas meninas – estariam sujeitas em determinado momento de suas vidas. Chevalier e Gheebrant (1996, p. 944) descrevem, em seu *Dicionário de Símbolos*, o vermelho como “símbolo fundamental do princípio da vida, com sua força, seu poder e seu brilho”. Não ao acaso, o capuz dado à famosa personagem tinha essa cor.

A avó de Chapeuzinho surge, no conto, com um valor essencial que fica apagado quando se pensa na própria protagonista, que é a única, entre tantas outras personagens daqueles famosos contos, que acaba sendo articuladora de suas próprias escolhas, dando a ela um caráter menos fantástico e, portanto, abrindo uma porta para um mundo mais real.

Em Perrault, a decisão da menina a leva a sucumbir pela força da tradição da época. Todavia, na versão dos Grimm, Chapeuzinho recebe uma nova chance e, em razão disso, resgata a si mesma e à sua avó. É notório que a avó tenha um papel significativo no que se refere ao enredo, mesmo que um século separe a “primeira” versão da sua “nova” interpretação. Sem a relação estabelecida no conto primordial, não haveria tantas referências para que se pudesse olhar para a obra sob uma perspectiva distinta. E sem as mudanças na sociedade ocidental, não haveria essa outra maneira de se olhar a narrativa da menina de capuz vermelho.

Se levarmos em consideração que os avós, atualmente, ocupam um papel bem mais relevante nas relações familiares e, por essa razão, são mais presentes no cotidiano, não seria de estranhar que as memórias constitutivas de muitas crianças perpassam por essas relações, sobremaneira, no que se refere a afetividade. Dessa forma, aqueles avós que dependiam de seus filhos, hoje protagonizam uma relação diversa daquela do conto primordial que, em uma leitura desavisada, não focava nas possíveis interpretações da figurada conhecida avó. Vale lembrar do que nos aponta Bettelheim (2000, p. 210), referindo-se à versão dos Grimm para o famoso conto:

Como mencionamos anteriormente, os irmãos Grimm também apresentam uma variação importante de “Chapeuzinho Vermelho” que consiste essencialmente de um acréscimo à estória básica. Na variação, eles contam

que, posteriormente, quando Chapeuzinho Vermelho leva de novo doces para a avó, outro lobo tenta atraí-la para fora do caminho correto (da virtude). Desta vez a menina corre para a avó e conta-lhe o sucedido. Juntas, trancam a porta para que o lobo não possa entrar. No final o lobo escorrega do teto e cai numa tina cheia de água e morre afogado. A estória termina, “Mas Chapeuzinho Vermelho voltou feliz para casa, e ninguém lhe fez nenhum mal”.

Consideramos importante trazer a figura da avó de Chapeuzinho para refletir sobre o histórico do papel dos avós na literatura infantil, uma vez que, se eram mencionados nos contos e se assim o foram, já anunciavam um papel significativo na vida das famílias. Chapeuzinho poderia ter ido visitar uma tia, uma vizinha ou qualquer outro parente, mas a opção da narrativa traz a avó como personagem do famoso enredo.

Dito isso, trazemos para reflexão e análise duas obras que nos fizeram pensar sobre a produção de obras para crianças e jovens que tangenciam o tema.

A escolha dos textos partiu do histórico para chegar ao contemporâneo, independentemente de ser canônico ou recém-lançado. À luz do fenômeno de hibridação de linguagens, a seleção buscou obras em que diferentes campos de significação possam ser ativados. Cagneti (2013, p. 12) chama a atenção para esse fato, quando escreve sobre a nova concepção do leitor:

É preciso, portanto, que se observe, compare, contraponha o lido com o contexto atual, resgatando contextos anteriores, percebendo aquilo que está nas linhas que, por sua vez, apontam para as entrelinhas [...] pedindo conhecimentos anteriores, leituras de textos do passado, contato com outros procedimentos literários, os quais, de algum modo, se farão presentes nesse emaranhado no qual vivemos.

Pois, considerando todos os olhares que o leitor pode ter, não mais somente para com palavra escrita, a hibridação ganha forma e conteúdo. Com isso, a leitura imagética ganha status dialógico, ultrapassando as barreiras do que antes era estático e quase monológico.

Dessa forma, trazemos para discussão uma obra de Júlia Medeiros e Elisa Carareto: **A avó Amarela**, publicada em 2018, pela ÔZe Editora. Como o título sugere, as autoras apresentam em sua obra uma figura agregadora que chamam de Vó Amarela. O foco narrativo traz um tom sensível que aproxima e identifica os leitores ora por meio suas memórias, ora por permear realidades cotidianas de muitas famílias.

A casa e a vizinhança da Vó Amarela são um espaço em que o real, a memória e a fantasia se misturam, à guisa dos contos maravilhosos. Aqui, o espaço rural dos contos primordiais é preenchido por espaços urbanos, todavia, permeados por uma certa “magia”, como quando se lê: “Feira era um lugar onde cabiam todas as cores do mundo. [...] Privilégio da freguesia - me explicou o moço”.

A Vó Amarela vivia em um espaço acolhedor e se relacionava com o mundo que a cercava e, apesar da imagem “emblemática” do domingo como dia de encontro com a

família, ela tinha marcas que a faziam, cotidianamente, presente: “Minha avó cozinhava lembretes” e “Com essa maneira de escolher as lonjuras, poderíamos visitá-la em cada mordida”.

A par da narrativa verbal sensível, há que se considerar com igual valor a ilustração da obra, que faz com que o livro traga um hibridismo competente e que constrói uma autoria indissociável, em um diálogo surpreendente entre palavra e imagem. Em uma página, o texto verbal diz: “A boca de minha avó passava as noites de molho num copo, em cima do criado-mudo, sem dizer palavra”, enquanto na outra vemos um recorte de um copo com um sorriso, também recortado, dentro dele.

O texto e a imagem fazem um jogo linguístico harmonioso. Tal harmonia dá a ilustração um status semelhante ao da escritura da obra, movimento esse que vem sendo observado em outras tantas publicações contemporâneas. A obra nos oferece muitos caminhos que são acionados por texto e imagem durante toda a narrativa/leitura. Colagens, pinturas, montagens dependem de um olhar demorado do leitor, para que possamos compreender/interpretar todo o universo que nos é oferecido, gentilmente, pelas autoras, não deixando de mencionar as cores, a diagramação da obra, que já na capa nos convida a fruição de um texto cheio de boas surpresas, em uma narrativa híbrida muito sensível.

A Vó Amarela ainda traz em seu codinome a cor “das espigas do verão já anunciadoras do outono quando a terra se desnuda perdendo seu manto de verduras [...] ela é então a anunciadora do declínio, da velhice e da aproximação da morte” (CHEVALIER e GHEEBRANT, 1996, p. 40 - 41), todavia, essa avó tem muito mais um tom de eternidade, de “felizes para sempre” como a de quase todas as avós, sejam elas amarelas, azuis, vermelhas, enfim.

A Vó Amarela traz a figura da avó sob um ponto de vista de identidade familiar, permeando sentimentos como saudades, memória afetiva, e importância da família como rede de relações, mas desloca aquela figura dependente para um protagonismo, já anunciado em outros tempos e em outras histórias. Muito mais está por dizer, mas, fica a ideia de visitar a Vó Amarela e depreender outros olhares sobre o texto.

Se a obra de Júlia Medeiros e Elisa Carareto traz a figura da avó como protagonista, a de Valter Hugo Mãe, *As mais belas coisas do mundo*, publicada no Brasil sob o selo Biblioteca Azul da Editora Globo, apresenta-nos a figura do avô. Um avô em uma situação diferente da Vó Amarela, que é apresentada em sua relação com parte grande da família e em movimento constante de inserção nesse grupo.

O avô da história de Mãe chega até nós com um foco narrativo de “alguém, magro e ainda pequeno” remetendo a mesma relação de identidade encontrada em Medeiros e Carareto, mas, de uma forma mais introspectiva, por se tratar de uma relação mais específica entre avô e neto, descrevendo diálogos e longas conversas entre eles.

O avô chama a atenção do neto para o mundo ao seu redor e para o que se precisa desvendar – “meu avô dizia que o melhor da vida haveria de ser ainda um mistério e que o

importante era seguir procurando. Estar vivo é procurar”. Esse é o tom da obra, sempre na direção de instigar o menino durante as conversas.

A figura da mãe e do pai surgem no decorrer da história, mas o foco está justamente na representação do avô, que, ao fazer perguntas ao neto, faz com que ele procure respostas para o mundo ao seu redor, e fazendo as perguntas, apresenta esse mundo ao menino. A grande questão, que inclusive dá título ao livro, é “Quais seriam as mais belas coisas do mundo?”. No momento da pergunta, o menino não soube responder ao avô, mas, muitas outras foram sendo respondidas, descritas nas longas conversas entre eles e que enredam o texto.

Ao final da obra, o menino entende que o avô “precisou morrer”, pois “cansara-se e morrer era como deixar-se sossegar”. O menino aprendeu “que o sossego do avô, era do tamanho de nossa solidão” e, enfim, descobre que o avô “era como todas as coisas mais belas do mundo, juntas numa só”.

Na medida em que a história nos é apresentada, vão surgindo imagens, desenhos, recortes e colagens a cada virada de página. Nas ilustrações, como que dando brechas para possíveis leituras, surgem palavras escritas no meio das gravuras: professores, mães e filhos, cães e por último, cadeiras, instigando o leitor a construir um percurso de sentido para entrar no texto.

Há de se notar que somente as páginas dos textos escritos recebem numeração. Esse movimento pede ao leitor que dê atenção a todas as páginas, não somente as que enredam, linearmente, a narrativa, e o que parece um detalhe na diagramação da obra, traz em si uma relação relevante para os novos modos de ler. Se antes as ilustrações eram meras reproduções do escrito, hoje elas compõem a leitura de muitas obras que vemos publicadas e são muito mais que coadjuvantes nesse processo.

Mãe é o único autor da obra, isto é, escreve e ilustra sua história; e, para que nada se perca, ele traz imagens com muitos referenciais que precisam ser considerados para que possamos compreender a complexidade de sua mensagem.

A relação palavra e imagem em Mãe apresenta quase uma terceira leitura do texto, uma leitura paralela a ela mesma. Esse movimento de leitura é comum em obras híbridas. Essa mesclagem de diferentes discursos e linguagens abre uma oportunidade para que as possibilidades dialógicas ultrapassem as barreiras do que era mantido até então fixo, e é dessa maneira que o processo de hibridação se desenvolve e se constitui.

O mesmo amarelo presente na obra de Medeiros e Carareto, na obra de Mãe simboliza um fim de trajetória, amadurecimento. O fim de um, o avô, abre caminho para o início do outro, o neto. Mãe traz o cinza, que, arriscamos dizer, com licença poética, é apagado, frio, mas que serve de base para muitas outras cores e remonta ao prateado da existência humana.

Ambas as obras apresentam diversidade de imagens e propiciam novas formas de ler, como anuncia Cagneti. Novas formas são possíveis também, se houver diálogo entre

texto e imagem, para que essa deixe de ser apenas “detalhe” nos livros e se transformem em parte imprescindível aos olhos do leitor.

## O FIM DO PASSEIO: UM NOVO COMEÇO?

A maneira com que retratamos famílias na literatura e, principalmente, na literatura infantil ilustrada, tem se transformado nas últimas décadas. Ora, a bem da verdade, a própria maneira com que fazemos literatura está em metamorfose. Ao combinar diferentes linguagens (verbal, visual e material) para produzir sentidos, os livros a que chamamos de híbridos criam novas formas de ler, de apreender e interpretar a realidade. Porque também tem se modificado a nossa própria maneira de dar significado ao mundo, às relações e às instituições sociais de que fazemos parte.

Em seus retratos contemporâneos, vemos a família sob um prisma diferente. Os papéis de gênero no núcleo familiar têm se flexibilizado, assim como a sua própria constituição. Familiares antes mais apartados do núcleo principal, como os avós, têm ganhado espaço e cena entre as figuras que povoam os imaginários de jovens leitores.

Não se pode negar que tais retratos ainda são predominantemente conservadores em ideologia, considerando que projetamos ideais românticos para com muitas das relações entre pais, filhos, avós e netos. É preciso ter olhar crítico e clareza de que tipo de família estamos lendo, e de que forma podem ser lidas essas interpretações da realidade.

Em se tratando de concatenação e imbricamento de linguagens, vemos cada vez mais o aparecimento de obras que se aproveitam, cada uma de sua forma, das diferentes linguagens ao seu dispor para produzir novos sentidos. O formato do livro, as cores, as técnicas de ilustração, a estratégia de disposição do conteúdo e o texto verbal são os elementos básicos com que escritores e ilustradores dão significado ao nosso mundo. O intertexto entre as obras contemporâneas e suas predecessoras, clássicas ou não, é também uma forma de hibridação. Um bom leitor é capaz de reconhecer esses elementos e interpretar essa miríade de signos, inserindo o seu olhar nessa leitura.

Este estudo exploratório arranha apenas a superfície de um repertório amplo de livros ilustrados publicados no Brasil que abordam, de alguma forma, a temática da família. Longe de encerrar o assunto, ele pretende apontar para uma seleção de obras que acompanham a tendência de transformação da realidade e das maneiras de lê-la e representá-la. Ao leitor, fica o convite para que venha a explorar esse território da dúvida a que María Teresa Andruetto (2017) se refere, e que esteja disposto a questionar a realidade e as suas representações.

## REFERÊNCIAS

ALSTON, Ann. **The family in English children's literature**. Nova Iorque: Routledge, 2008.

ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

AZEVEDO, Fernando. Apontamentos sobre a construção cultural das representações da família na literatura infantil portuguesa contemporânea. **Tropelias**: Revista de Teoria de la Literatura y Literatura Comparada. Saragoça, n. 23, 2015, p. 14 - 21.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Leituras em contraponto**: Novos jeitos de ler. São Paulo: Paulinas, 2013.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Edusp: São Paulo, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1996.

GARCIA, Elias. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica: uma discussão necessária. Línguas e Letras. Cascavel, v. 17 n. 35. p. 291-294, mai. 2016.

LUGONES, Pablo; RAMPAZO, Alexandre. **O passeio**. São Paulo: Gato Leitor, 2017.

MÃE, Valter Hugo. **As mais belas coisas do mundo**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2019.

MEDEIROS, Júlia. CARARETO. Elisa. **A avó amarela**. São Paulo: OZé, 2018.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MALLAN, Kerry. (Un)doing Gender: Ways of Being in an Age of Uncertainty. In: BHROIN, Ciara; KENNON, Patricia (Orgs.). **What do we tell children?**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2012, p. 12 - 25.

RAMOS, Anne Carolina. Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, jan./mar, v. 40, n. 1. 2015. Acesso em 12 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623645343>>.

TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VAN DER LINDEN, Sophie. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ZULLO, Germano; Albertine. **Meu pequenino**. São Paulo: Ameli, 2019.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Água 81, 176, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188

Atendimento educacional especializado 123, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133

Atividades escolares 37, 58, 59, 62, 130, 148, 158

Aulas remotas 15, 40, 123, 125, 129, 130, 132

Avaliação 13, 17, 18, 19, 33, 49, 51, 52, 56, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 184, 188, 195, 197

### B

Brasil 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 22, 23, 24, 28, 30, 31, 33, 35, 42, 55, 56, 59, 60, 61, 63, 66, 68, 69, 71, 75, 78, 80, 82, 84, 86, 89, 90, 109, 113, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 132, 133, 154, 164, 165, 167, 169, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 192, 193, 195, 196, 197, 204

### C

Contexto social e educacional 148, 162

Cotas raciais e sociais 190

### D

Diversidade cultural 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 84, 85

### E

Educação 1, 2, 4, 10, 11, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 148, 149, 153, 155, 157, 159, 162, 163, 164, 165, 174, 180, 182, 185, 188, 190, 191, 195, 196, 197, 203, 204, 205

Educação profissional 148

Educação em prisões 87, 90, 96, 105, 106

Educação física 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 85, 86

Educação inclusiva 43, 49, 50, 52, 53, 54, 87, 132

Educação infantil 21, 32, 41, 49, 60, 63, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

Educação policial militar 1

Ensino 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 38, 41,

42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 91, 96, 100, 103, 106, 107, 108, 113, 114, 115, 116, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 149, 150, 153, 155, 163, 181, 182, 185, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 203, 204, 205

Ensino de Geografia 68, 74, 84

Ensino híbrido 22, 58, 64, 65, 66

Ensino remoto 12, 14, 15, 19, 25, 26, 58, 59, 63, 64, 67, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Ensino superior 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 50, 108, 193, 195, 197, 203, 205

Estudante surdo 123, 130

## **F**

Família 6, 7, 15, 32, 53, 57, 59, 64, 91, 99, 100, 104, 108, 151, 152, 155, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 173, 174, 175, 177, 179, 180, 183, 187

Formação 3, 5, 6, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 18, 19, 23, 25, 26, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 46, 48, 50, 52, 55, 60, 62, 72, 75, 76, 79, 81, 83, 84, 96, 99, 113, 115, 117, 121, 122, 126, 129, 154, 155, 156, 158, 159, 162, 164, 181, 190, 203, 205

Frenteira 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86

## **H**

Hibridismo 165, 166, 167, 168, 169, 177

História oral 148, 149, 163

## **I**

Inclusão 16, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 49, 51, 53, 54, 56, 57, 63, 75, 85, 89, 90, 103, 109, 126, 127, 128, 132, 190, 193, 196, 197, 201

Intervenção 36, 37, 39, 43, 46, 51, 54, 83

## **L**

Linguagens 28, 85, 110, 111, 112, 113, 116, 118, 119, 120, 165, 168, 171, 176, 178, 179

Literatura infantil 165, 166, 167, 168, 169, 174, 175, 176, 179, 180

Livro ilustrado 165, 168, 169, 170, 180

## **M**

Memória 51, 64, 88, 105, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 159, 163, 164, 176, 177

Metodologias ativas 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 28, 65, 105, 181, 182, 183, 185, 188

## **O**

Objetivos sustentáveis 183, 185, 186, 188

## **P**

Pandemia 12, 14, 15, 21, 22, 23, 25, 26, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 40, 49, 54, 55, 58, 59, 61, 64, 65, 66, 94, 104, 109, 120, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Paraná 1, 11, 54

Políticas públicas 19, 21, 28, 30, 37, 61, 67, 78, 106, 108, 118, 190, 193, 195, 196, 197, 203

Práticas pedagógicas 12, 36, 37, 38, 51, 65, 73, 81, 82, 83, 112, 113, 115, 116, 117, 119, 133

Professor 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 23, 25, 26, 27, 29, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 41, 46, 47, 48, 52, 59, 61, 65, 66, 68, 70, 73, 76, 77, 82, 84, 114, 117, 118, 119, 121, 125, 127, 131, 133, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 205

Projeto 13, 14, 30, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 46, 48, 61, 95, 108, 109, 119, 127, 150, 164, 170, 193

## **R**

Realidade prisional 87

Recomendações 43, 45, 49, 53

Representações 117, 150, 162, 165, 168, 174, 175, 179, 180

## **S**

Saneamento 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188

Socialização 7, 14, 24, 25, 32, 44, 52, 58, 87, 120, 157

Sucesso acadêmico 190

## **T**

Tecnologias de informação e comunicação 13, 36, 37, 38, 39

Tecnologias assistivas 43

## **V**

Violências 1, 3, 5

## **W**

WhatsApp 40, 58, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 130

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Atuação do estado e da sociedade civil na

# EDUCAÇÃO II



Atena  
Editora  
Ano 2022

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Atuação do estado e da sociedade civil na

# EDUCAÇÃO II



**Atena**  
Editora  
Ano 2022